

A LÍNGUA E O DESEJO

Degmar dos Anjos¹

RESUMO: Neste artigo, apontamos que o processo de aprendizagem de uma língua mobiliza as bases psíquicas do sujeito e está relacionado a processos identificatórios e identitários. Palmilhando a psicanálise lacaniana, explicitamos os conceitos: de sujeito, como ser clivado e fragmentado, tendo o inconsciente estruturado como linguagem; de identificação, como processos dissolvidos em traços que já se encontram impressos no sujeito, que determinam seu lugar discursivo e modificam continuamente suas identidades; e de identidade, como construção imaginária com aparência de totalidade, instável, que sofre as oscilações constantes das identificações e permite ao sujeito identificar-se como o eu que fala.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem, inconsciente, identidades.

ABSTRACT: This paper pointed out that the process of learning a language mobilizes the subject's psychic bases. It has been connected with identification and identity processes. Based on Lacanian psychoanalysis, it is explained the concepts of a subject as a cleaved and fragmented human being with unconscious structured like a language of identification, as processes dissolved into traits which are already engraved in the subjects determining their discursive space and modify continuously their identities. The identity process is characterized by an imaginary construction with a wholeness appearance, an unstable construction that faces the constant changes of identifications. It also allows the subjects to identify themselves with the "I" who speaks.

KEYWORDS: Language, unconscious, identities.

¹ Mestre em Estudos da Linguagem, pela UFMT; professor de Língua Portuguesa no Cefet-MT. E-mail: dfanjos@yahoo.com.br.

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Eu é um Outro.

Rimbaud

Ando muito completo de vazios...

Manoel de Barros

Conforme nos informa Coracini (2003a, p. 13), o tema “identidade” é uma das preocupações da contemporaneidade a preocupar os estudiosos de dentro e de fora da academia, nas diversas áreas de economia, política, psicanálise, linguagem, educação, etc. Em grande parte, essa efervescência do tema se deve às grandes mudanças ocorridas por conta dos processos econômicos, sociais e políticos em tempos de globalização. A compressão do tempo-espaço afetou as diversas esferas de situações de comunicação, tecnologia, ciência, levando um indivíduo, um povo ou um grupo social a se interessar por questões de linguagem e identidade. Se, por um lado, os efeitos da força da globalização econômica produzem a centralização e a homogeneização de tudo e de todos, engolfando diferenças na busca de um mercado global de consumo, por outro, há também um efeito de resistência em que línguas minoritárias ou grupos marginalizados acirram as diferenças e lutam por sua sobrevivência e espaço na sociedade.

No Brasil, o advento do MERCOSUL, em 1991, foi um acontecimento a provocar novas configurações de ordem econômica entre o Brasil, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai² que, a exemplo da União Européia e da ALCA, buscou a integração em nível econômico e político do lado da América do Sul para se fortalecer como bloco perante os mencionados.

² Desde 2004, a Venezuela, a Colômbia, o Equador e o Peru passaram a participar do bloco, na condição de Estados Associados. A partir de 2006, a Venezuela foi incorporada, oficialmente, como país membro do Mercosul.

Com isso, é notável a presença, cada vez mais acentuada, do interesse pela língua espanhola. Esta crescente importância, por efeito do MERCOSUL, determinou sua inclusão nos currículos escolares, principalmente nos Estados limítrofes com países onde o espanhol é falado. A aprendizagem do espanhol, no Brasil, e do português, nos países de língua espanhola presentes nesse bloco econômico, tem contribuído para o fortalecimento das relações dos seus habitantes, pois há uma troca expressiva de ordem cultural, social, econômica e política.

O governo brasileiro, sob essa égide das questões econômicas e de integração regional, tornou o ensino do espanhol, que já vinha crescendo desde a década de noventa, obrigatório nas escolas brasileiras a partir de 7 de julho de 2005. Nessa data, o Congresso brasileiro aprovou definitivamente a Lei nº 11.161/2005, que torna obrigatória a inclusão do ensino do espanhol em todas as escolas de ensino médio do país, estabelecendo que as três séries do ensino médio devem oferecer, obrigatoriamente, a possibilidade de estudar a língua espanhola. Com a nova lei, já referendada pelo presidente da República, chegou ao fim um debate que principiou em 1991, quando a discussão relacionada à necessidade de se ensinar a língua espanhola nas escolas públicas ganhou força no Brasil.

Conforme Cox (1997), do ponto de vista das identidades nacionais, o ensino do espanhol no Brasil poderá mostrar as semelhanças e diferenças entre povos que convivem lado a lado há vários séculos, em um momento em que países buscam a aproximação para a sobrevivência econômica.

No passado, cada povo sul-americano lutou sozinho contra outro povo para constituir-se enquanto nação – nação brasileira, nação argentina, nação uruguaia, nação paraguaia. No presente, lutamos juntos para nos definirmos como sul-americanos perante os outros americanos – os do norte (ibid., p. 180).

Porém, se do ponto de vista da integração nacional essa mistura de línguas e culturas serve para a unificação de interesses econômicos, do

ponto de vista individual vem cheia de estranhamentos. É essa conturbação da relação entre o consciente e o inconsciente, o materno e o estrangeiro, a língua e o desejo que propomos discutir neste texto.

ANALISANDO O SUJEITO DESEJANTE...

Aprender outra língua é mexer com questões de identidades, seja do indivíduo ou do grupo social, seja na qualidade de falantes de uma língua que nos interpela como sujeitos (a língua dita materna), seja na de falantes de uma outra que provoca estranhamentos (a língua dita estrangeira). Como nos indica Revuz (1998, p. 220), quando aprendemos outra língua, essa “vem questionar a relação que está instaurada entre o sujeito e sua linguagem”.

Consoante o psicanalista Lacan (1985b, p. 31), o sujeito é “indeterminado”, ou seja, clivado, dividido, fragmentado. Este sujeito dividido, que aqui endossamos, aponta para a condição humana de constante insatisfação, busca por algo que falta, não simbolizável, remetendo-se à relação com o objeto, que é sempre da ordem daquilo que falta-a-ser. Grigoletto (2006, p. 18), tendo essa mesma compreensão, explica que, “como o sujeito só se presentifica na relação com o Outro, o próprio do sujeito psicanalítico é ser clivado e heterogêneo na sua estrutura”. O que o sujeito almeja lhe é revelado exatamente por essa fragmentação, por essa falta.

O desejo do sujeito é sempre desejo do Outro³ e o sujeito só pode saber do seu desejo por meio daquilo que o outro lhe revela. Esta é a razão da compreensão de que o desejo, por meio dos processos identificatórios, se torna constitutivo do sujeito na relação com o outro, em sua própria alteridade, que se dá na linguagem. Nesse sentido, quando o sujeito toma

3 Lacan faz uma distinção entre o grande Outro e o pequeno outro. O Outro seria o lugar da palavra, que indica o que deseja o inconsciente; enquanto o outro (*autre-a*) é o semelhante, ou o objeto que confere ao sujeito a dimensão de sua alteridade. Para uma análise mais aprofundada das noções de inconsciente, desejo e identificação, veja Lacan (1985a, 1985b e 1998) e Nasio (1993 e 1996).

a palavra⁴, o que está em questão é o agenciamento de significantes (suporte material do enunciado – termo que Lacan busca em Saussure). Quer dizer, há um jogo de processos identificatórios que envolve, de um lado, imagens inscritas no inconsciente (identificação imaginária) e, de outro, elementos do saber discursivo (o sujeito do inconsciente e o significante) que constituem uma identificação simbólica (uma ordem que o produz como sujeito). Segundo Da Poian (2002), a identificação imaginária está na origem do Eu e tem a ver com a imagem especular (formação narcísica, fixação da primeira alienação do sujeito ao desejo do Outro); já a identificação simbólica dá origem ao sujeito do inconsciente e tem a ver com os significantes, traços que marcam a história do sujeito.

Para que ocorra o reconhecimento do eu com a imagem, é preciso que ele esteja imerso em uma estrutura simbólica. Ainda dentro dessa perspectiva, segundo Lacan, apud Chnaiderman (1998, p. 96), “é a aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê e se concebe como um outro que não ele mesmo”. Essa regulação da estrutura imaginária se dá mediante o registro do simbólico, de modo que a linguagem é condição *sine qua non* de constituição do sujeito. “O sujeito se constitui pela linguagem (é sujeito de linguagem), sempre na relação com o Outro. A própria linguagem é esse outro para o sujeito, é o campo que abriga a rede de significantes” (GRIGOLETTO, 2006, p. 18).

Segundo D’Agord (2006), a identificação, que é imaginária, surge como uma unidade sustentada em uma imagem que não reflete a multiplicidade da experiência subjetiva, mas uma das formas desta, a da própria imagem refletida, ou seja, o sujeito se vê no outro. Com Lacan, de acordo com a visão de Stenner (2004), não podemos falar separadamente de Eu e de objeto (aquilo que é desejado pelo sujeito), pois esses dois termos se criam mutuamente: não há um sem o outro. É por isso que não men-

4 A tomada da palavra na língua estrangeira pode ser compreendida como o momento em que o sujeito se vê em condições de recorrer às regularidades enunciativas dessa outra língua para se pronunciar e se enunciar, empregando, para isso, os suportes materiais ou lingüísticos dessa outra forma de se manifestar.

cionamos que o Eu se identifica *com* o Outro⁵, pois ele, na verdade, em um processo de identificação imaginária, se vê no Outro como em um espelho, tornando-se, assim, ele mesmo, um outro. Nesse sentido, a poética e famosa frase do poeta francês Rimbaud, “Eu é um outro”, que no século XIX intrigou a tantos, se torna compreensível.

No decorrer da vida, as sucessivas identificações imaginárias serão retificadas ou articuladas pelo processo simbólico. Mas, para que isso ocorra, é necessária a formação da identificação simbólica, isto é, a identificação orientada não mais pela unidade momentânea, mas por traços sucessivos de significantes. Em outras palavras, a linguagem, em sua sucessiva rede de significantes, se caracterizará como o processo de identificação simbólica que permitirá ao sujeito estruturar suas múltiplas identidades imaginárias.

Ao discorrer sobre o papel do Outro na formação do Eu, Lacan (1998) explica que, ao nascer, a criança se concebe como parte do corpo da mãe e, em um estágio posterior, tal criança passa a enxergar-se, como num espelho, pelo corpo da mãe. É a separação deste corpo que passa a ser vista como o momento em que a criança percebe a existência do Outro (no caso, a mãe), se vê como um Eu e identifica uma “falta”.

Compreender o sujeito como dispersão, sujeito cindido, dividido, atravessado pelo inconsciente, assinala Coracini (2003a, p. 15), é abraçar “uma perspectiva discursiva que encontra na psicanálise seu ponto de apoio, voltada, sobretudo, para a constituição do sujeito do inconsciente que, imerso no discurso – que sempre provém do Outro –, é mais falado do que fala”.

Tavares (2004), ao analisar os conceitos lacanianos de sujeito, comenta que, a partir da fala, o sujeito já não é como antes. Ao ingressar no universo simbólico da linguagem, a criança metaforiza o significante

5 É importante mencionar que o conceito de identificação é diferente em Freud e em Lacan. A expressão “identificar-se com”, costumeiramente empregada, remete à compreensão freudiana de identificação, as expressões “identificação imaginária” e “identificação simbólica” remetem, por outro lado, a Lacan. Para maiores entendimentos, ver D’Agord (2006), Da Poian (2005), Freud (1977), Lacan (1998) e Nasio (1996).

outrora fálico⁶, desejante da mãe, numa substituição pelo Nome-do-Pai: significante que simbolicamente constitui o mundo exterior, a lei que interdita o desejo da criança.

Com isso, aquela alienação na imagem – a criança que se vê na mãe, que é o fundamento do Eu – se substitui pela alienação na linguagem, alienação estrutural em que o significante se apossa do lugar do Eu e produz o sujeito através de um deslizamento contínuo. O sujeito lacaniano vai se pontuando pelo movimento da linguagem que forma a cadeia significante que é o próprio inconsciente. O indivíduo estaria sempre cindido entre o Eu (falso senso de existir) e o Sujeito do inconsciente que irá se dando como efeito, sendo uma função produzida por deslizamento de significantes mediante a linguagem.

Lacan (1998), para especificar a relação que o sujeito falante mantém com o inconsciente e com o desejo, distingue as noções do enunciado do discurso do ato de enunciação que produz este enunciado. Recorrendo ao campo lingüístico para estabelecer certa precisão, Schaffer ([19--], p. 4), explicando a noção de enunciado e enunciação para Lacan, compreende que o enunciado pressupõe uma seqüência finita de palavras emitidas pelo locutor. O fechamento de um enunciado, nessa compreensão, é geralmente indicado pelo silêncio que o sujeito falante produz para pontuar sua articulação. O enunciado é produto de uma enunciação, ao passo que esta última é produto de um ato individual da língua que evidencia o processo de fabricação – o ato de criação de um sujeito falante.

Lacan (1998) acentua, entretanto, que não se trata de dois sujeitos – o do enunciado e o da enunciação – mas, sim, que, se há algum lugar de onde o sujeito pode surgir, este é o lugar da enunciação. É no processo de enunciação, a fala, que um sujeito se produz e é produzido. É neste ponto complexo que pode ser compreendido o papel da linguagem na

6 Para Lacan (1998, p. 692-703), o falo aparece como um significante, e mais que isso: o significante organizador dos significantes, ou seja, o significante que origina o sujeito do inconsciente. Nas palavras de Lacan (1998, p. 697), “ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante”.

estruturação do sujeito, pois são os sentidos veiculados pela língua, dita materna, que constituem o sujeito.

Como afirma Tavares (2004, p. 230), “é na língua que a fala torna o sujeito singular, sinalizando um saber que age à revelia do sujeito e que revela um desejo latente”. Tal afirmação possibilita compreender a importância da linguagem na psicanálise, pois é por meio das palavras, da fala, que se pode aferir a determinação do inconsciente como algo que age no sujeito, a despeito dele mesmo.

Ao discutir o papel que o Outro ocupa na constituição e estruturação do sujeito, Lacan (1998), apresentando sua concepção de sujeito, concebe uma estrutura em que três registros estão imbricados e se encontram no próprio dizer: o real, impossível de ser dito, de ser apreendido; o imaginário, que corresponde àquilo que é representável; e o simbólico, que liga e orienta as incidências imaginárias no dizer. Essa articulação entre os três registros se materializa no dizer.

Pacheco (1996, p. 46), comentando os conceitos de Lacan sobre a estruturação do sujeito, faz a seguinte afirmação:

Este é o sujeito que se apresenta no discurso, assujeitado aos significantes de seu desejo inconsciente, estruturado sob as leis da linguagem: comparece na enunciação entre as oposições disponíveis, é o intervalo entre dois significantes (S1 e S2). O sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante; está assim assujeitado ao significante: nenhum significante é bastante para representá-lo e, desta impossibilidade, resta o objeto a, faltoso, causa de desejo.

De modo que o sujeito, na constante divisão entre os significantes dos desejos inconscientes, acaba por trazer à tona, mediante a linguagem, tais desejos. Ou, para melhor explicar, o sujeito acaba revelando ao exterior, entremeio a suas palavras, por meio de seu dizer, aquilo que é latente em seu inconsciente, seus desejos recônditos, marcas de sua incompletude. Explicando esta visão de incompletude que marca o sujeito lacaniano, Stenner (2004, p. 58) diz:

Em *O Seminário*, livro 11 (1964), Lacan traz a falta para o campo do sujeito e do Outro. A falta tem uma dupla inscrição. Por um lado, ela advém do fato de o sujeito depender de um significante que está primeiro no Outro; por outro lado, ela é o que o sujeito perde em sua entrada na linguagem. O que Lacan dirá, de outra forma, é que não há, no campo do Outro, nem no campo do sujeito, um significante que dê conta do ser, da mulher, da morte e, portanto, a falta é condição de inscrição para todo ser de linguagem.

A citação de Stenner aclara a relação existente entre sujeito e linguagem que Lacan expõe. Um sujeito conflituoso que sempre estará dividido entre seu “Eu” e o “Outro” que o constitui pela linguagem, dado que é na linguagem que ele denunciará seus conflitos.

É essa compreensão de sujeito do inconsciente, estruturado pela e na linguagem, incompleto em sua alteridade subjetiva, que adotamos nesta pesquisa. É essa fragmentação, presente nas bases do próprio sujeito, que possibilita compreender o aprendizado de uma língua estrangeira como uma prática também fragmentada, conflituosa, complexa.

AS IDENTIDADES E A ILUSÃO DO CONTROLE

Consoante Revuz (1998, p. 216-217), o processo de falar em uma língua estrangeira é complexo, fragmentado, por ocorrer em dois planos: o da prática de expressão e o da prática corporal.

Objeto de conhecimento intelectual, a língua é também objeto de uma prática. Essa prática é, ela própria, complexa. Prática de expressão, mais ou menos criativa, ela solicita o sujeito, seu modo de relacionar-se com os outros e com o mundo; prática corporal, ela põe em jogo todo o aparelho fonador. Sem dúvida, temos aí uma das pistas que permitem compreender por que é tão difícil aprender uma língua estrangeira.

Esse processo de aprendizagem é considerado como prática de expressão por ser o momento em que outras palavras – uma outra língua –

dão ao sujeito a possibilidade de produzir os sentidos, de se manifestar, que se torna aparente sua relação com a língua materna, ou seja, a forma como se expressa diante do mundo só é percebida no instante em que há o confronto com outra forma de fazer o mesmo.

Melman (1992), ao tecer comentário sobre a língua materna, assinala que esta é aquela que vincula a lembrança da mãe que nos introduziu a fala e, ao mesmo tempo, a que nos interdita a mãe, porque é por intermédio dessa língua que sofremos nossa castração. É esta língua que veicula nossos desejos, mas que não garante a expressão desse desejo, justamente pelo fato de que, nela, a mãe se encontra interdita. Tavares (2004, p. 231), ao analisar esta mesma afirmação de Melman, infere que “a língua materna é uma língua que envolve afeto, é a língua do desejo interditado”. Por sua vez, Coracini (2003b, p. 148), concordando com essa compreensão, ao falar sobre o inconsciente e a linguagem, se faz categórica:

O inconsciente, definido como o Outro, ou *Lalangue*, nos termos de Lacan (MILNER, 1987, p. 49), ‘funciona como uma língua interdita e a expressão mais manifesta deste interdito repousa nisto: o sujeito não pode articular plenamente o desejo que é inerente, que é veiculado por esta cadeia, que é constitutivo dessa cadeia’: o inconsciente constitui essa zona heterogênea, habitada pelo desejo da mãe, interditado pelo pai (social). O desejo da mãe pode ser explicado como o desejo da completude, da totalidade que, recalcado, gera angústias e buscas constantes de resolução que se acha sempre adiada.

Desse modo, não há a linguagem externa ao sujeito, pois é ela mesma que o constitui. E é nessa constituição através da linguagem que os desejos do sujeito serão interditados pela língua que será chamada de materna. “A língua materna é justamente aquela que abafa esses desejos, constituindo, em nível consciente, a ilusão do sujeito completo, uno, origem do sentido, capaz de se autocontrolar e controlar o outro” (ibid., p. 148).

É essa cisão entre a busca pelo controle – ocorrida no campo da consciência, e a incompletude, sentida pelo sujeito no campo da inconsciência – que torna o encontro do sujeito com uma outra forma de se manifestar, uma língua que lhe é estranha, conflitante e complexo. Dado que o sujeito é clivado e heterogêneo, constituído pela linguagem, mediante uma língua que lhe é materna, sua relação com a língua estrangeira será, também, clivada, heterogênea.

Essa compreensão de sujeito faz com que também se repense a noção de identidade. Em sua concepção tradicional, o termo sugere uma idéia de unidade e de estabilidade, sendo algo pertencente ao ser humano e que o acompanharia durante toda a sua vida (alguns até afirmam que a identidade pode sofrer mudanças com o tempo, mas continuaria a ser A Identidade – algo uno). Porém, tal visão seria conflitante com o descentramento que a descoberta do inconsciente expõe. Como explica Vasconcelos (2003, p. 168), “se o sujeito não é uno e é construído no seu processo histórico, a questão da identidade coloca-se não como integral, unificada, estática ou estável como a queriam no passado”. Chnaiderman (1998, p. 49), coadunando com essa visão, afirma que “a idéia de que existiria uma identidade que definiria o sujeito psíquico vem sendo criticada como uma idéia totalizante que não leva em conta a multiplicidade que nos constitui”.

Em tal conceito de identidade está implícita a seguinte restrição exposta por Serrani (1997, p. 8): “a identidade opera na dimensão da representação (portanto, imaginária) da unidade do locutor (ou interlocutor) enquanto ego”. As identidades são sempre imaginárias, colocando em funcionamento imagens que o sujeito faz de si mesmo, a partir de imagens lançadas pelo olhar do outro e que permitem a ele se reconhecer enquanto tal. Portanto, se aceitamos as identidades como imaginárias, e levando em conta a multiplicidade que constitui a subjetividade humana, concluímos que não há uma, mas muitas identidades de acordo com as categorizações e divisões segundo as quais um sujeito poderia se posicionar.

As identificações, por outro lado, situam o sujeito no mundo e nas relações sociais. As múltiplas identificações, dissolvidas em traços

que já se encontram impressos no sujeito, ao mesmo tempo em que determinam o lugar discursivo do sujeito, também caracterizam sua identidade, ou seja, o processo de identificação se torna um mecanismo pelo qual o sujeito constrói as identidades que, por estarem em constante movimento, são estruturadas e desestruturadas continuamente. São esses processos identificatórios que apagam a idéia de unidade das identidades e possibilitam que, mediante a linguagem, a identidade seja construída para/pelo sujeito. A identidade é, portanto, uma construção instável, fragmentada, não-toda, que sofre as oscilações constantes das identificações. Construção imaginária com aparência de totalidade, ela permite ao sujeito se identificar como o Eu que fala.

A identificação é vista como marca simbólica a partir da qual o sujeito adquire não sua unidade, mas sua singularidade. Se a identidade é compreendida como a representação do fato de existir, de ser, a identificação enfatiza a referência ao dizer. A construção da identidade, conforme a concebe a psicanálise, é um processo que passa pela língua, que, representando para o sujeito a dimensão simbólica, cria a possibilidade de se inscrever na língua.

Tal consideração sobre sujeito, identidade e identificação é relevante por permitir compreender a relação de afetividade que está entranhada na língua materna. A partir desta relação intrínseca língua(gem)-sujeito-identidades, tem-se uma concepção de linguagem – tendo como principal elemento a língua materna – como a própria condição de estruturação psíquica, já que é a partir da inscrição do sujeito no universo da linguagem que ele se subjetiva e se torna Eu. Em outras palavras, o sujeito incorpora fragmentos da fala do outro e pode reconhecer-se como num espelho, reconhecendo sua fala na do outro. É nesse movimento identificatório que o sujeito é capturado pela linguagem, em um processo de subjetivação⁷, e se torna o Eu.

7 De acordo com Marioto (2005), a subjetivação se dá em um processo pelo qual um sujeito, visitado pela linguagem, vai poder habitar um corpo e uma subjetividade, ou seja, nascer subjetivamente à vida, o tornar-se Eu, é dar um passo para além do fisiológico, organizando-se num outro campo, numa outra ordem. Para que essa transformação ocorra, de um corpo nu para um corpo ou ser de linguagem, é necessário que alguém o introduza neste outro registro, o que ocorre no momento em que o sujeito se vê falado pelo Outro. Para maior compreensão, ver Lacan (1998, p. 96-103).

Assim, a linguagem jamais poderia ser concebida como um instrumento que fosse utilizado pelo homem para exprimir suas intenções de comunicação. Em contrário, é o “espaço do sujeito afetado pelo pré-construído e pelo discurso transverso, sujeito do inconsciente, efeito de linguagem, falante, ser em línguas, pego na ordem simbólica que o produz enquanto sujeito” (SERRANI, 1998a, p. 245). É esse “discurso transverso” – a linguagem composta por uma cadeia de significantes pré-construídos que atravessa o sujeito – que é capaz de estruturar, de subjetivar, o sujeito.

É por isso que a concepção de linguagem, neste trabalho, é assumida como processo de regularidades enunciativas fincadas em valores e modos de dizer que se apresentam como comuns. São essas regularidades que determinam aquilo que pode ou não ser dito pelo sujeito, manifestando uma relação com a própria língua, com a discursividade e com os diversos domínios de saber que ela permite construir. Como assegura Serrani (1997 p. 5), “são condensações de regularidades enunciativas no processo – constitutivamente heterogêneo e contraditório – da produção de sentidos no e pelo discurso, em diferentes domínios do saber”.

Na esteira de Serrani (1997; 1998a; 1998b), vemos o humano como um ser que vem ao mundo sem a linguagem e recebe do exterior o significante que é, a um só tempo, matéria-prima e instrumento da constituição do inconsciente. É a linguagem – por meio da língua chamada de materna –, portanto, que estrutura o sujeito, e não o sujeito que estrutura a linguagem, como descrito pela psicologia.

Essa relação entre sujeito e língua materna é analisada por Revuz (1998), ao estudar os processos por que passa o sujeito em situações de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Nessas situações, há sempre um (re)encontro do sujeito com sua língua materna, uma vez que esse processo torna visível para o sujeito a relação existente entre ele, a língua materna e sua forma de aprendizagem. O que se faz é permitir a emersão de algo muito específico que o sujeito guarda em relação à língua e que se manifesta justamente quando encontra a língua do outro, que surge, assim, como novo lugar a partir do qual o sujeito poderá olhar para o que acredita ser (ou ter sido sempre) seu.

É, portanto, pela linguagem que o sujeito se constitui, e é na linguagem, através de seu dizer, que o sujeito se manifesta. A partir desta compreensão indissociável de sujeito e linguagem, pode-se visualizar o choque que é, para este sujeito, sua inscrição em uma outra forma de se manifestar, isto é, em uma língua estrangeira.

O CONFLITO ENTRE O MEDO E O DESEJO

Seguindo a compreensão de Revuz (1998, p. 220), segundo as quais a língua estrangeira abre um novo espaço potencial para a expressão do sujeito, questionando a relação que está instaurada entre o sujeito e sua linguagem, entendo que o sujeito, de forma inconsciente, ao se confrontar com nova língua, passa por uma sensação de desestabilização, de desnorteamiento, pois aquilo que estava inscrito em si deixa de ser absoluto, passa a ser questionado. Este confronto entre língua materna – representante daquilo que já está inscrito, instaurado, no sujeito – e língua estrangeira – a nova possibilidade de subjetivação da linguagem – é explicado por Revuz, e corroborado por Serrani, como uma relação de desarranjo e rearranjo da subjetividade.

A meu ver, um dos processos fundamentais que acontece quando o sujeito desenvolve uma ‘aquisição’ bem-sucedida de segunda língua (isto é, quando acontece o ‘desarranjo’ subjetivo que possibilita um ‘rearranjo’ significante) é a inscrição do sujeito em relações de preponderância na discursividade nova da segunda língua (SERRANI, 1997, p. 8-9).

É nesse contexto conflituoso, nesse “rearranjar”, que o sujeito pode demonstrar uma aproximação ou um distanciamento com a língua estrangeira. Por um lado, o aprendiz, ao se inserir em nova língua, pode estabelecer um vínculo de aproximação instaurado pelos desejos inconscientes cujo efeito é o querer estruturar nova identidade. Por outro lado, ele pode sofrer estranhamento e, nesse caso, de forma inconsciente e imperceptível, desenvolveria certas estratégias que fariam com que ele

não se inscrevesse naquele mundo simbólico que a ele soa estranho. Em alguns casos, pode até desenvolver algumas habilidades lingüísticas, mas sem chegar a ter autonomia afetiva e enunciativa dentro daquele novo sistema lingüístico a que se faz referência neste trabalho.

Ao falar que a língua é objeto de uma prática, Revuz (1998) pondera que, além de prática de expressão, essa prática é corporal. Isto se dá porque, desde o instante em que é feto, o sujeito é falado pelo mundo que o rodeia, seja pelas palavras afetuosas e acariciadoras da mãe, seja pelos ruídos que o assustam na condição de bebê ainda não nascido; o corpo, que ainda não veio à luz, já é utilizado para se comunicar e ser comunicado pelo ambiente à sua volta. Essa relação corpo-linguagem não é sentida, não é percebida, pois sempre foi assim, desde o momento em que ainda não havíamos nascido, o corpo estava presente em nossa comunicação. No instante em que vamos aprender uma língua estrangeira, sentimos esta relação, pois esta nova forma de se comunicar vem questionar, de modo complexo, a relação que já estava instaurada entre sujeito, corpo e língua. Assim, ao iniciar o estudo de uma língua estrangeira, é como se voltássemos a ser feto, é refazer a experiência de se fazer entender.

Para alguns, é tão difícil dissociar o corpo da língua materna que não conseguem repetir as mais simples seqüências na língua estudada, recusando-se inconscientemente a abandonar esta relação tão aconchegante e que só agora é exposta. Esse estranhar corporal se torna incômodo a ponto de alguns nem tentarem pronunciar os sons da nova língua, enquanto outros caem no riso ao tentarem, e há ainda aqueles que ficam envergonhados, tímidos, como se estivessem sendo desnudados. Essas “estratégias inconscientes” (REVUZ, 1998, p. 225) de resistência podem ser o motivo: de alguns aprendizes terem um certo conhecimento de vocabulários técnicos (que os habilitam para o comércio ou para certos trabalhos), mas sem conseguir uma autonomia na compreensão ou expressão; de outros que conseguem imitar os diálogos com perfeição no momento das aulas, mas sem guardar quase nada destas informações; de alguns para os quais, mesmo depois de anos de estudos na língua alvo, a língua estrangeira é concebida como

um amontoado de termos; daqueles que só conseguem compreender um enunciado na língua estrangeira se este for traduzido literalmente para a língua materna; entre outras formas de fuga do confronto interno que é instaurado no processo de inscrição em uma nova língua.

As estratégias de fuga no processo de aprendizado são compreensíveis, pois a língua estrangeira é vista como a língua estranha, a língua do outro. Tal estranhamento pode provocar um profundo medo inconsciente. Como analisa Coracini (*ibid.*, p. 149), o medo que aparece é o “medo da despersonalização” que a aprendizagem da língua estrangeira implica, ou então, há aí, também, “o medo do estranho, do desconhecido, medo do deslocamento ou das mudanças que poderão advir da aprendizagem de uma outra língua”.

É esse medo que pode fazer o sujeito, independentemente do método ou do professor, não se lançar no desconhecido mundo da língua estrangeira. Coaduno-me a esse respeito com Coracini (2003b, p. 149), que é clara ao afirmar que “o medo pode, em circunstâncias particulares, bloquear a aprendizagem, impondo uma barreira ao encontro com o outro, dificultando e, por vezes, impedindo uma aprendizagem eficaz e prazerosa”.

É POSSÍVEL CONCLUIR?

Ancorados nessa compreensão, podemos inferir que algumas dificuldades de aprendizagem são, na verdade, estratégias da ordem do inconsciente do sujeito-aprendiz, ao confrontar-se com o estranhamento às novas formas de significação, como se isso fosse uma grande fuga do confronto interno que é a prática complexa de aprender a ser diferente sendo o mesmo. Em outras palavras, no momento em que recorre às regularidades enunciativas de outra língua para se pronunciar, o sujeito torna-se, ele mesmo, um outro. Essa prática, que é sentida como estranha e complexa, pode levar o sujeito a instaurar um processo de “fuga”, que se caracterizará na resistência à língua, tornando-se perceptível nas dificuldades de aprendizagem.

Porém, assim como para alguns há a sensação de medo, para outros há a paixão. Nessa conflituosa relação língua estrangeira/língua materna, o processo inverso à resistência também pode ocorrer. Em tal caso, é perceptível, no aprendiz, forte atração pela nova língua, pelas novas formas de significação. Os casos em que o aprendizado de língua estrangeira desempenha uma forte atração também podem ser explicados, de modo geral, pela psicanálise, que vê esse fenômeno como uma forma de “aparecimento do desejo do Outro, desse Outro que nos constitui e cujo acesso nos é interditado, esse Outro que viria completar o Um” (CORACINI, 2003b, p. 149).

Dessa forma, assim como para alguns os sons de uma língua são motivos de dificuldade, para outros, por se sentirem atraídos, tais sons serão motivos de prazer. Estes, de acordo com Revuz (1998, p. 222), “deslizam pelos sons da língua estrangeira com regozijo e se apropriam com facilidade de sua ‘música’, a ponto de poderem produzir longas ‘frases’ que criam a ilusão..., mesmo que não tenham nenhum sentido!”. Nesse caso, o próprio corpo parece se abrir para a nova língua, o aparelho fonador e as formas de gesticular se tornam não um motivo de angústia, mas de “gozo” intenso.

Esse prazer, causado pela falsa sensação de completude, dá ao sujeito a ilusão de dominar algo. É como se ele pudesse agora comandar a linguagem e, desse modo, comandar seus próprios desejos, seu inconsciente. A esse respeito, Tavares (2003, p. 19) assevera:

A língua materna nunca poderá permitir esse gozo, pois há algo nela que está interditado e não pode ser trazido à tona. Porém, a língua estrangeira pode representar o acesso ao lugar onde o sujeito tem a escolha da lei, das regras que vai utilizar para se exprimir, a escolha dos significantes. Acontece que o desejo nunca se satisfaz devido ao seu caráter metonímico. Talvez, por isso mesmo, aqueles que desejam ocupar um Outro lugar por meio da língua estrangeira, mesmo que experimentem frustrações e insucessos, persistem em aprendê-la.

Consoante Coracini (2003b, p. 149), para alguns, essa sensação de prazer, de gozo, é tão intensa que se torna até mesmo viciadora, fazendo

com que o sujeito, instigado pelo desejo da completude e com seu conseqüente recalçamento⁸ – já que essa completude é impossível – entre numa compulsão pelo aprendizado de várias línguas, uma após a outra, sem chegar a “dominar” nenhuma. Outros, também movidos por essa tentativa de serem completos, passam a almejar na língua estrangeira um nível de excelência ou de perfeição visando chegar a ser confundidos com os falantes nativos, em uma tentativa de liberdade, de se tornar um outro. Nesse caso, complementa Coracini (2003b, p. 150), “tal atitude perfeccionista pode ser explicada pela recusa da sua própria língua, fuga inexorável dos recalcimentos e da exclusão à qual se viu condenado e dos quais desejaria escapar, na esperança ilusória da liberdade e da realização plena de seus mais profundos desejos”.

Nessa tentativa de se tornar outro, de fugir da falta causada pela língua materna, o aprendiz de língua estrangeira se torna um aficionado, alguém que está sempre em busca da excelência gramatical ou do sotaque perfeito e, o motivo maior de orgulho, ou de prazer, é ser confundido com um falante nativo. A fuga da incompletude é tamanha que a própria forma de agir do sujeito muda. É dessa compreensão que vem a célebre frase de Revuz (1998, p. 225): “O *Eu* de uma língua estrangeira não é, jamais, completamente o da língua materna”. Isto porque, de acordo com a autora, “não é raro ver pessoas, que sofrem graves dificuldades de relacionamento, estabelecerem sem problemas relações satisfatórias ao expressarem-se razoavelmente em uma outra língua”. O *Eu* da língua

8 Valho-me aqui do conceito de recalçamento de Freud, para quem ele é a evitação das lembranças dolorosas. A esse respeito, Garcia-Roza (1997, p. 90) explica que, no caso de o aparelho psíquico ser atingido por um estímulo que provoque uma excitação dolorosa, inconscientemente ocorrerá uma série de manifestações motoras que, apesar de inespecíficas, poderão afastar o estímulo causador da experiência desprazerosa. A experiência da dor produz a tendência a que ela seja rejeitada para que não se repita a excitação dolorosa. Essa fuga à percepção, ou à lembrança da dor é que será chamada por Freud de recalçamento. No caso do aprendiz de língua estrangeira, vemos o recalçamento no instante em que tal sujeito, ao sentir a incompletude, se lança compulsivamente no estudo de línguas, em busca de situações que lhe trariam a sensação de completude. Para maior compreensão acerca do conceito de recalçamento, ver Garcia-Roza (1997) e Freud (1980; 2001).

materna, por ser inaugural, por partir do zero, dado que sua relação é com a linguagem que lhe é materna, primeira, será sempre diferente do Eu da língua estrangeira, que está alicerçado no relacional, dado que sua relação com a linguagem já é existente. É essa diferença que possibilita ao sujeito ser, ele mesmo, um Outro, um diferente, possibilitando-lhe demonstrar e sentir atitudes que na língua materna já não lhe são possíveis.

Com isso, independentemente de motivo de medo ou de prazer, a língua estrangeira é sempre conflituosa, uma vez que as forças mobilizadoras, sejam para a aversão ou para a paixão, são as mesmas – o desejo do outro e o desejo da plenitude –, de modo que os processos identificatórios, os desejos recônditos do sujeito, estão, imperceptivelmente, sempre presentes no contexto de aprendizagem de língua estrangeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHNAIDERMAN, M. Língua(s) – linguagem(ns) – identidade(s) – movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

CORACINI, Maria José (Org.) *Identidade & Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas/ Chapecó: Editora da Unicamp/Argos Editora Universitária, 2003a.

_____. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In: _____. (Org.). *Identidade & Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas/ Chapecó: Editora da Unicamp/Argos Editora Universitária, 2003b.

COX, Maria Inês P. A hora e a vez do espanhol. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá: EdUFMT, v. 6, n. 10, p. 175-187, 1997.

D'AGORD, Marta Regina de Leão; BINKOWSKI, Gabriel Inticher; CHITTONI, Felipe Bücker. Classes interativas e identificação em psicopatologia. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology*. a. 6, n. 1, p. 116-130, mai. 2006. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/journal/mai6/9.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2007.

DA POIAN, Carmen. *Os novos caminhos da identificação*. Disponível em: <<http://www.cprj.com.br/internas/interna.php?cod=72>>. Acesso em: 25 mar. 2005.

FREUD, S. Identificação. In: _____. *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 101-157. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas).

_____. Recalcamento. In: _____. *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 169-190. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas).

_____. *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GRIGOLETTO, Marisa. Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In: MAGALHÃES, Izabel et al. (Orgs.). *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006.

LACAN, J. *O seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985a.

_____. *O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985b.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

MARIOTTO, Rosa Maria Marini. Interpretação e hermenêutica no surgimento do sujeito. In: COLÓQUIO FRANCO-BRASILEIRO SOBRE A CLÍNICA COM BEBÊS, 2005. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000072005000100006&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 mar. 2006.

MELMAN, C. *Imigrantes: incidentes subjetivos das mudanças de língua e país*. São Paulo: Escuta, 1992.

MILNER, J. C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

NASIO, Juan David. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

_____. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

PACHECO, O. M. C. A. *Sujeito e singularidade: ensaio sobre a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

RIMBAUD, Arthur. *Uma estadia no Inferno – Poemas escolhidos – A carta do vidente*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SCHÄFFER, Margareth. *Psicanálise, subjetividade e enunciação*. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/24/T2029732718781.doc>. Acesso em: 20 out. 2006.

SERRANI, Silvana. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. *Revista DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 1, 1997. Disponível em: <<http://>

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501997000100004&lng=pt&nrm=&tlng=pt>. Acesso em: 12 jun. 2005.

_____. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, Inês (Org.) *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998a.

_____. Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua: a proposta AREDA. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*: questões e perspectivas. Campinas: Mercado das Letras, 1998b.

STENNER, Andréia da Silva. A identificação e a constituição do sujeito. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 54-59, 2004.

TAVARES, Carla Nunes Vieira. O desejo por uma língua estrangeira em tempos de globalização. *Revista Letras & Letras*, Uberlândia, v. 19, n. 1, p. 9-20, jan./jun. 2003.

_____. A (in)segurança na estrutura: uma reflexão sobre a relação sujeito-língua estrangeira. In: FERNANDES, Cleudemar Alves (Org.). *Sujeito, identidade e memória*. Uberlândia: EDUFU, 2004.

VASCONCELOS, Sílvia Inês Coneglian Carrilho de. O *début*, o inaugural, no discurso do professor de português como língua estrangeira sobre sua formação profissional. In: CORACINI, Maria José (Org.). *Identidade & Discurso*: (des)construindo subjetividades. Campinas/Chapecó: Editora da Unicamp/Argos Editora Universitária, 2003.

